

## pensando cultura

# Quem foi Tenório Jr., identificado na Argentina quase 50 anos após morte

Um mistério de quase 50 anos que assombrava a música brasileira teve desfecho no último dia 12 de setembro, quando a Justiça argentina informou à embaixada do Brasil em Buenos Aires que havia, por fim, identificado o corpo do pianista Francisco Tenório Cerqueira Júnior, o Tenório Jr. Como contam Sylvia Colombo e Thea Severino para a Folhapress, ele acompanhava Vinicius de Moraes numa turnê pelo Uruguai e pela Argentina com o baixista Azeitona, o baterista Mutinho e Toquinho no violão, poucos dias antes do golpe militar de 1976.

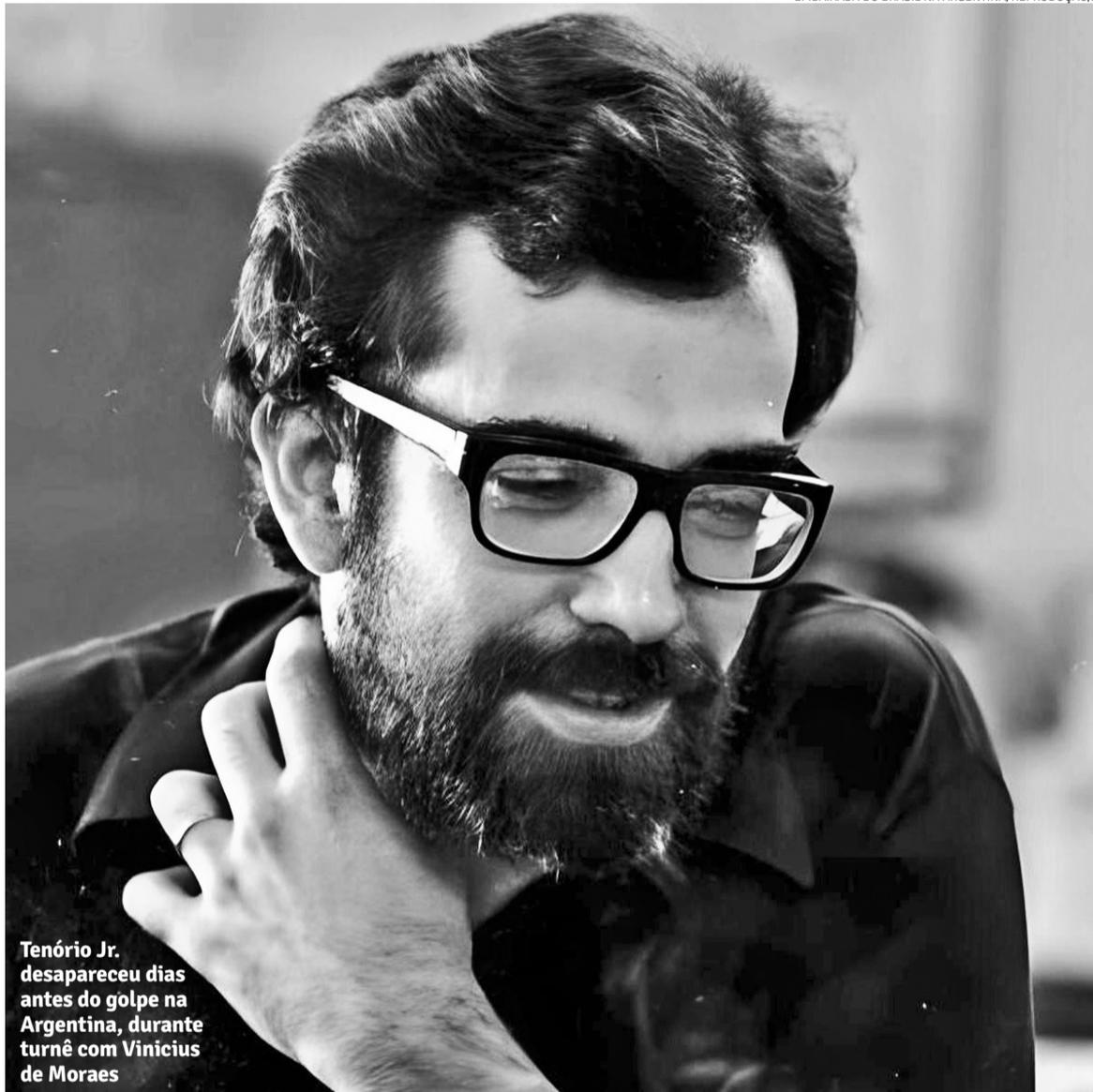
Na madrugada de 18 de março de 1976, após um show na renomada casa de espetáculos Gran Rex, na avenida Corrientes, Tenorinho, como era chamado por Vinicius, teria deixado um bilhete para Toquinho, com quem dividia um quarto no Hotel Normandie, no centro de Buenos Aires, dizendo que sairia para comprar cigarros e um lanche. Nunca mais voltou, e seu corpo jamais foi encontrado.

Os restos de Tenório Jr. foram encontrados na interseção entre a avenida General Belgrano e a Panamericana, na província de Buenos Aires. Segundo a Justiça, a morte teria ocorrido em 20 de março de 1976, ou seja, apenas dois dias depois de seu sequestro. Um cotejamento das informações de dois diferentes centros de identificação, feito apenas recentemente, permitiu confirmar que se trata do pianista. O objetivo agora é definir como o músico foi assassinado.

“É uma notícia surpreendente, quando já não tínhamos esperança de saber mais nada. De certo modo, dá um fechamento a essa história tão triste”, diz Marta Rodríguez Santamaría, que foi a oitava e penúltima mulher de Vinicius de Moraes e, na época do desaparecimento do músico, ajudou-o a percorrer embaixadas, delegacias e a entrar em contato com juizes.

Várias especulações rondaram o caso todos esses anos. A mais aceita era a de que o músico teria sido confundido com algum “subversivo” por sua aparência - naquela época, ter cabelos compridos, como boa parte dos artistas tinha, era sinal de desobediência em relação ao sistema.

O golpe militar na Argentina ocorreu em 24 de março, mas já nas semanas anteriores havia repressão militar e busca por opositores. Tenório pode ter sido con-



Tenório Jr. desapareceu dias antes do golpe na Argentina, durante turnê com Vinicius de Moraes

fundido com um líder *montonero*, guerrilha que resistiria ao regime, que estaria circulando na zona.

Outras hipóteses circularam na época. Uma delas dizia que, em vez de buscar cigarros e algo de comer, Tenório estivesse buscando drogas. Não muda a crueldade do crime, mas era comum, segundo o historiador Uki Goñi, que naquele tempo houvesse batidas na região central da cidade, onde se vendiam drogas. Uma terceira versão considerava que Tenório estaria na companhia da amante, e que a necessidade de encobrir esse *affair* teria complicado as investigações.

Nascido em 4 de julho de 1941, em Laranjeiras, no Rio, Tenório Jr. cresceu entre o estímulo artístico e o rigor acadêmico. Filho de Alcinda Lourenço Cerqueira e do delegado Francisco Tenório Cerqueira, foi aluno de Moacir Santos e integrante do instrumental Os Cobras, composto por ele, José Carlos, o Zezinho, Paulo Moura, Meirelles, Raul de Souza, Hamilton e Milton Banana.

Pianista talentoso, ele se des-

tacou pelo improviso nos gêneros sambajazz e bossajazz na década de 1960, quando a música instrumental brasileira era muito popular. Começou as *jam sessions* do Little Club aos 21 anos, em Copacabana, no beco das Garrafas, formado por quatro clubes - Little Club, Bottle's, Baccará e Ma Griffe -, onde todos os grandes nomes da bossa tocavam. Participou de festivais internacionais, aos 22 anos, como o Jazz (La Costa), em Mar del Plata.

Aos 23 anos, gravou a convite dos diretores da gravadora RGE, José Scatena e Benil Santos, o LP *Embaló* (1964). Foram 11 músicas gravadas com Paulo Moura, Raul de Souza, Zezinho Alves, Milton Banana e Rubens Bassini, entre fevereiro e março de 1964, e posteriormente lançadas em 2004 num CD.

Para o estudioso da música Ruy Castro, em depoimento dado em 2023, “Tenório Jr. era o melhor pianista de seu tempo, genial e moderno”. Esteve acompanhado de diversos músicos de renome e tocou com Edu Lobo, Nana Caymmi,

Chico Buarque, Gal Costa, Nelson Angelo, Milton Nascimento, Egberto Gismonti, Johnny Alf e Joyce Moreno. Toquinho e Vinicius foram os últimos a estar no palco com ele.

A compositora, cantora e instrumentista Joyce Moreno conheceu Tenório entre 1972 e 1974, quando ele tocava com os mineiros Lô Borges, Milton Nascimento e Beto Guedes. “Eu adorava tocar com ele”, diz a artista. Ela afirma que o pianista era uma pessoa brilhante, inteligente e rigoroso. “Ele tinha uma família grande, mas sei de histórias que ele recusou várias vezes trabalhos que não gostava. Ele era rigoroso musicalmente e passou por um certo sufoco financeiro por estas questões.”

O músico enfrentava uma situação financeira complicada. Sua mulher, Elisa Cerqueira, no Rio de Janeiro, o esperava grávida do quinto filho do casal.

Em 17 de março de 1976, no Teatro Gran Rex, Vinicius e Toquinho encerravam uma temporada de casas cheias. A crítica foi dura

com o espetáculo, mas uma nota portenha registrou a epifania: a revelação da noite foi o pianista Tenório, “a mais autêntica expressão da música contemporânea brasileira”. Horas depois, já na madrugada de 18 de março, Tenório saiu do Normandie para nunca mais aparecer. O dono de um quiosque na região relatou, mais tarde, que o viu comprar tabaco e ser abordado por um Ford Falcon na esquina. Esse vendedor de rua, porém, nunca mais foi localizado.

Na época, Vinicius não estava hospedado no Normandie. Ele dividia um apartamento com a namorada, Marta, próximo dali. Foi ela quem atendeu ao telefonema de Toquinho, que, desesperado, dizia que Tenório não tinha passado a noite no hotel. Vinicius foi acordado por Marta e, de sobressalto, começou uma saga quase que solitária numa cidade já assombrada pela iminência do golpe de Estado e pelo fato de que a repressão já havia começado - grupos de tarefa vinculados à Triple A, esquadrão da morte criado no governo de Isabel Perón, circulavam nas ruas.

Em seu depoimento, Ruy Castro deu sua versão. “Ele pode realmente ter saído para comprar fumo. Pode ter sido confundido com algum terrorista ou procurado pela polícia e foi levado. No que foi levado, não sei por quê, começaram a bater nele (...) O fato é que bateram tanto, que já não dava mais para devolver do jeito que estava e o eliminaram.”

“Tenório não era politizado”, diz Ruy. Na época em que gravou *Embaló*, era um universitário. Podia ter uma certa consciência política como tantos estudantes, mas era um alienado como muitos da bossa. Roberto Menescal conta que, em 1º de abril de 1964, foram gravar o disco da Wanda Sá na zona norte. Na volta, passaram pela UNE em chamas e acharam que “alguém tinha dormido fumando”. Não sabiam que tinha havido um golpe.

Em dezembro de 2023, depois de Ruy Castro denunciar o sumiço, a embaixada do Brasil em Buenos Aires reproduziu e instalou uma placa idêntica, ajustada à reforma. Hoje, quem passa pela Rodríguez Peña encontra a memória viva no lugar onde Tenório foi visto pela última vez. Com a identificação dos restos, essa pedra deixa de ser só símbolo e vira o marco de um ciclo que, enfim, encontra um fecho.